

COLEÇÃO  
*Agnello Bittencourt*

10105

# EXPLORAÇÃO

B  
13  
✓

DOS

# RIOS URUBÚ E JATAPÚ

## RELATORIO

APRESENTADO

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Conselheiro  
Dr. José Fernandes da Costa Pereira, Ministro e Secretario de Estado  
dos Negocios da Agricultura, Commercio e Obras Publicas

POR

*João Barbosa Rodrigues*

Em comissão pelo mesmo Ministerio.

AM  
910.021811  
R.696

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA NACIONAL

1875.



## EXPLORAÇÃO DO VALLE DO AMAZONAS

### I Rio Urubú

#### HISTORIA E ETHNOGRAPHIA

Quando eu cheguei á capital da provincia do Amazonas, pretendia seguir logo para o alto Rio Negro, a explorar as suas nascentes ; porém as febres que ahi reinavam, assim como a grande enchente, que tudo cobria, impedindo de tirar proveito de meu trabalho, levaram-me a dirigir meus estudos para outro ponto. O rio Urubú, que diziam ser muito rico, apesar de estar inteiramente virgem e desconhecido, visto como nem os gentios Muras ousavam transpor a sua primeira cachoeira ; nem mesmo penetrar sua pretendida foz, atrevia-se o homem civilizado, a não ser um ou outro indio ; foi o ponto escolhido para as minhas investigações.

Crença era em toda a população do Amazonas, que o Rio Urubú encerrava em si grandes thesouros naturaes; continha pastagens immensas que ficavam proximas a Manãos, e que offerecia grandes vantagens ao commercio; porém uma chave de ferro fechava a sua pretendida foz; um mysterio encerrava em si que fazia com que ninguem ousasse penetrar o seu interior. Tribus selvagens e antropophagas infestavam as suas margens; dous mocambos de desertores e pretos fugidos existiam; emfim, ha mais de dous seculos vivia assim o rio desprezado e temido.

Estando desconhecido e não explorado, intentei a sua exploração, esperando que a messe ahi pagaria as fadigas, os riscos e perigos a que me ia expôr. A assembléa provincial, sabendo do meu intento, quiz auxiliar meu empenho e votou-me um auxilio para esse fim, do qual não me utilizei. Aproveitando a enchente, que então consideravelmente ia declinando, fiz os aprestos necessarios para uma longa exploração em sertões desertos, e preparei-me a quebrar o encanto que ninguem até então ousara fazel-o.

Antes de entrar na descripção de minha viagem convém abrir a historia do Amazonas colonial e lermos a pagina em que o rio Urubú tem seus acontecimentos registrados.

Reinando D. Affonso VI, e sendo governador e capitão general dos Estados do Maranhão e Pará, Ruy Vaz de Siqueira (1) e capitão-mór Francisco de Seixas Pinto, havendo grande falta de serventes, não só para as obras da nascente capitania, como para lavoura; ordenou o mesmo governador a fundação de missões no Amazonas; protegidas por força militar, para bem serem executados os descimentos e resgates de indios. Em virtude desta ordem subiu em Março de 1662 o sargento-mór Antonio Arnaud Villela o rio Urubú, commandando

(1) Commendador de S. Vicente da Beira, na ordem de Christo: tomou posse do governo em 26 de Março de 1662.

uma escolta, que ia de protecção ás missões que ia fundar Fr. Raymundo, da ordem das Mercês. Além da força regular, commandada pelo alferes Francisco de Miranda, iam alguns indios, todos subordinados ao mesmo sargento-mór.

Foi infeliz esta expedição, porque, encontrando-se com os indios Caboquenas, Barururus e Guanavenas, guiados pelos seus tucháuas, foi atacada por estes, perecendo no ataque o chefe da expedição, o alferes, e grande numero de praças e de indios; escapando, porém, o missionario e alguma gente da força.

Animados com essa victoria perseguiram os fugitivos e em quarenta e cinco ubás vinham atacar a aldêa de Saracá, onde se refugiaram os mesmos e existia o alferes João Rodrigues Palheta. Informado este do desastre para prevenir o assalto á aldêa, foi encontrar-se com elles, levando dezoito soldados e duzentos indios, em cinco grandes canôas. Logo que os encontrou, offereceu-lhes combate, e n'uma bella acção naval conseguiu derrotal-os, matando uns e pondo em fuga outros.

Em 12 de Janeiro de 1664, retirando-se o governador general para o Maranhão, deixou ordenado que se preparassem os meios de fazer a guerra, castigar e vingar a morte do sargento-mór Villela, que ainda não o estava; não se contentando com o massacre feito pelo alferes Palheta. Na sua volta, em Agosto do mesmo anno, achando preparadas as canôas e cumpridas as ordens dadas para os aprestos da nova expedição, não podendo marchar em pessoa, nomeou o capitão Pedro da Costa Favella tenente general, e passou-lhe o commando. Com effeito, a 6 de Setembro sahe a expedição, em 34 canôas, levando 500 indios, commandados por seus principaes, e 400 praças commandadas pelos capitães de infantaria Francisco Paes, Francisco da Fonseca e Gouvêa, Francisco de Valladares Souto Maior e João Duarte Franco. O terceiro ia fazendo as vezes de ajudante e o primeiro de sargento-mór, tendo por ajudantes Manoel Coelho, Antonio Corrêa Lobo, Antonio Manso e Manoel Coutinho.

Em 25 de Setembro chega a expedição á aldêa dos Tapajós, onde toma novo reforço de indios, e depois de refrescar a gente segue viagem no dia 24 de Outubro. Onze dias depois de partir dahi o capitão Favella, sahe da capital o governador general, com grande reforço, a fim de auxiliá-lo de perto; porém, chegando á aldêa de Matarú, hoje Porto de Moz, teve de retroceder, porque assim o exigia a politica do Estado, e enviou então o sargento-mór Antonio da Costa com a força para prestar os auxilios que fossem precisos.

No dia 25 de Novembro chegou a expedição ao primeiro porto do inimigo, onde Favella separou alguma força para defender as canoas; fez uma barreira na margem do rio com arvores, e entranhou-se pela floresta com o grosso de sua tropa. Depois de dias de penosas marchas e fadigas, encontrou-se no dia 7 de Janeiro, perto das primeiras malocas dos Caboquenas, com estes, alliados aos Guanavenas, que já vinham ao seu encontro.

Apenas avistou-os, o capitão Favella offereceu-lhes combate, que foi recebido com um alarido infernal.

Retumbou pela primeira vez o estampido da fuzilaria pela floresta; o ar cobriu-se de flechas, mas, levados pelo temor, e ante o furor da soldadesca, desbaratados fugiram os gentios. Favella persegue-os, e nesse empenho se ajunta o sargento-mór Antonio da Costa com gente fresca. Uma horda immensa se antepõe á marcha do expedicionario, e cobre a sua força com uma nuvem de flechas, ao som de uma grita horrivel. Trava-se a peleja; mordem o chão os gentios; reina confusão na tropa; as balas abrem claros na massa contraria; as flechas raream as filas; um echo medonho resôa ao longe pela abobada da floresta, repercutindo o estampido da fuzilaria e os gritos dos selvagens. Tudo é fogo, fumo e sangue. Fogem ainda uma vez os selvagens para reaparecerem ainda mais numerosos; porém, Favella, enthusiasmado pelos primeiros feitos, leva sempre ante si os gentios, que no fim de dous mezes ficaram

completamente derrotados, perdendo 700, deixando 400 prisioneiros, tendo sido incendiadas 300 malocas. Em principios de Abril [de 1665] chegou victoriosa a expedição á capital, onde foi recebido em triumpho o chefe Favella, recebendo innumeradas ovações, nas quaes teve tambem parte o governador general. Estava vingado Arnaud Villela. Em Agosto deste mesmo anno, depois de ter tomado posse o quinto capitão-mór Feliciano Corrêa, começou-se a construcção do forte de S. Pedro Nolasco, junto á missão do mesmo nome, fundada por Fr. Raymundo e outros missionarios, que logo depois da expedição de Favella seguiu para o Urubú, onde fundou tambem a missão de S. Raymundo. Este forte era cordiforme, e destinado a proteger a mesma. Em 1768, porém, quando subiu o Amazonas o padre Dr. José Monteiro de Noronha, nos diz elle no seu *Roteiro* que já não existiam essas missões; por terem os indios assassinado o seu missionario Fr. João das Neves, e refugiado-se nas matas, abandonando o povoado. Habitavam só então os Arauaquis. Em 1835, pela rebellião chamada *Cabanagem*, serviu este rio de refugio aos rebeldes fugitivos, e mais adiante mostrarei o ponto em que se refugiaram perseguidos pela legalidade, onde foram exterminados. O primeiro nome do rio era Barururu, que por corruptella e abreviatura os antigos portuguezes mudaram para o que ora tem, sendo, porém, hoje chamado pelos indigenas Uarubê.

Tendo voltado esta pagina, cujos factos calaram no animo da população de então, e que a tradição gravou na memoria de alguns velhos, fazendo com que fosse ainda hoje temido o rio, passo a descrever a minha viagem. No dia 20 de Julho dirigi-me, a bordo do vapor *Madeira*, para villa de Silves, onde cheguei no dia 21, pelas 12 horas da manhã.

Ahi chegando fui recebido a bordo pelo reverendo padre Daniel Pedro Marques de Oliveira, vigario collado da freguezia, que immediata e obsequiosamente pôz á minha disposição uma casa para minha residencia,

Quasi historica é a casa que fui habitar, por isso convém descrevê-la. Edificada logo depois que a aldêa passou a villa em 1759, pelo reverendo vigario de então frei Antonio de Santa Catharina, para sua residencia, tem ella se conservado até hoje, e pertence á padroeira da freguezia, por doação, que fez o mesmo vigario. Serviu de residencia ao santo bispo D. frei Caetano Brandão quando fez a sua quarta visita á capitania em 1788; indo nella morar em 17 de Dezembro. Quando em Setembro de 1847, visitava a sua diocese o finado e preclaro bispo D. José de Moraes Torres, esta mesma casa abriu suas portas para recebê-lo; assim como tambem já hospedou o actual e illustrado bispo D. Antonio quando visitou Silves em 1869.

E' uma casa baixa, coberta de palha, com tres janellas de grades de páo, com portas almofadadas, como outr'ora se usava nos conventos, com tres pequenas divisões internas e com portas baixas. Seu interior respirava um ar claustral.

Ainda forte e bem conservada, mostra poder resistir muito ao tempo; apezar dos 114 annos, que pesam-lhe sobre a cumieira.

Não tendo obtido a lancha a vapor que o presidente da provincia tinha a principio posto á minha disposição nem auxilio algum da presidencia, não desaminei e cortei esse obstaculo, expondo é verdade a minha vida, mas conseguindo tirar algum proveito em prol da sciencia. A lancha facilitando o trabalho, punha-me a salvo de qualquer perigo; o que se não dava com uma canôa, que não só era morosa, como corria grandes riscos em lugar infestado de gentios.

Preparada a canôa em que tinha de seguir, e feitos todos os aprestos necessarios para uma longa e arriscada viagem, parti com seis guardas nacionaes, que graças á bôa vontade do subdelegado o Sr. José Antonio Pereira Junior e do capitão José Pedro Garcia de Vasconcellos, foram postos á minha disposição.

No dia 12 de Agosto antes da partida, pelas 7 horas

da manhã, acompanhado de um companheiro de viagem, que quiz commigo partilhar os mesmos perigos, o meu amigo o Sr. D. Alexandre Saldanha da Gama, e das praças que me seguiam, dirigi-me para á matriz e ahí ouvi uma missa que mandára rezar; e, pondo a viagem sob a protecção da Virgem disse adeus a Silves. Emquanto animado e satisfeito embarcava, lia nos semblantes dos amigos e pessoas do lugar que me vieram dizer adeus, um certo ar de tristeza. E' que a subida do Urubú era considerada como que fatal.

Desfraldando a vela ao vento costeei a ilha de Silves, pelo lado S. e sahi no largo. A grande bacia onde está a ilha de Silves, impropriamente chamada lago de Saracá, corre para SSO com duas leguas de largura, até as ilhas que a separam das aguas amazonicas. Alguns sitios salpicam as margens. Para S. E. ficam as ilhas de Jutahy-tuba e Tatuacá, e outras, que matizam com seus tufos de verdura as aguas da bacia e formam o fundo do impropriamente chamado lago Canaçary. As flôres brancas, e com o tempo depois rozadas, que cobrem o *triplaris Bomplandiana* e as aromaticas do *cathartocarpus brazilianus*, dão um bonito aspecto neste tempo, ás ilhas, onde abundam. As margens cobertas de *ipomoeas*, apresentam em algumas, como na ilha dos Papagaios, lindas columnas de verdura; provenientes de troncos seccos, onde se enroscam as mesmas, cobrindo-os de folhagem e flôres côr de rosa e brancas. Os *astrocaryum jauarys*, aqui ou acolá, formam moitas, que dão realce á paizagem. Uma *bombax*, com flôres côr de canna, (*periquiteira*), assim como a *copaybarana*, (*copaifera*), a *acapurana*, (*leguminosa*), cobrem as ilhas, onde sobre os troncos algumas *bromelias* e *brassavolas*, crescem: emquanto as *pontederias*, *utricullarias* e *pistias*, ajardinam com suas flôres roxas e amarellas as enseadas. A margem esquerda, que é terra firme, é elevada, e cobre-se de altaneira vegetação.

A's 3 1/2 horas da tarde, depois de ter tocado em alguns sitios, deixei á direita o rio e penetrei pela bocca



do Castanhal, que não é mais do que uma enseada separada por algumas ilhas, onde desagua o ribeirão Castanhal e no fundo da qual, fui dar no Macuará-mirim. Ahi encontrei uma maloca de indios Muras, semi-civilizados, porém não baptizados. Apenas saltei em terra todos fugiram, ficando só uma mulher de seus 70 annos; o ente mais ignobil, mais repugante e mais feio que tenho visto, coberta com andrajos immundos. Um dos guardas que me acompanhavam, sahindo pelo mato, voltou dahi a pouco com o *tucháua*, ou principal, que veio seguido de alguns homens e mulheres, que tinham-se escondido. As mulheres todas repugnantes, tinham as caras e os corpos pintados de vermelho, com a tinta do urucú. Um mão cheiro recendia das suas choupanas que eram quatro esteios mal cobertos de palha, sob as quaes pequenas redes de fio de algodão, de seis palmos de comprimento sobre quatro de largura, e pintadas de vermelho escuro, estavam suspensas e onde dormem ás vezes em cada uma, pai, mãe e filhos. Demorando-me ahi algum tempo em examinar os seus usos, segui depois viagem, atravessando para o rio, ahi chamado impropriamente, Paraná-mirim Arauató. Quando voltavamos algumas canoas com Muras, atravessavam ao longe, á força de remos, fugindo de nós. Iam pintados todos de vermelho. A's 6 horas cheguei ao sitio de um velho tapuyo chamado Firmino, onde na sua arruinada palhoça, poeticamente collocada passei a noite.

Não fazendo um diario, onde ha sempre minuciosidades, que muitas vezes não interessam, descreverei logo o rio até a foz do rio Anibá, o maior confluente que recebe o rio Urubú.

Desde que se deixa a bacia que fórma, de Saracá até a foz do Anibá, o rio mede de largura 180 a 200 metros, durante a cheia, estravasando as suas margens, e alargando-as, apparecendo aqui ou alli pequenas porções de terras altas; sobretudo na margem esquerda, onde, para o interior estende-se a terra firme. O terreno é todo de alluvião moderna, e da mesma natureza da do



## **AVISO**

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.  
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO  
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL  
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A  
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO  
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

**FONE: (92) 2125-5330**

**FAX: (92) 2125-5301**

**EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)**



**Secretaria de  
Estado de Cultura**



**CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA**